

Don Giovanni o dissoluto

Wolfgang Amadeus Mozart

José Saramago

Coro e Orquestra Gulbenkian
Nuno Coelho



17 + 18 nov 22



17 nov 22 QUINTA 20:00

18 nov 22 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Don Giovanni ***o dissoluto***

Wolfgang Amadeus Mozart

José Saramago

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min
ESPETÁCULO SEM INTERVALO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro / Ideia original

Jean Paul Bucchieri Encenação / Espaço cénico / Desenho de luz / Figurinos

André Baleiro Barítono (Don Giovanni)

José Fardilha Barítono (Leporello)

Sónia Grané Soprano (Dona Anna)

Susana Gaspar Soprano (Dona Elvira)

Marco Alves dos Santos Tenor (Don Octávio)

Leonor Amaral Soprano (Zerlina)

Manuel Rebelo Baixo (Masetto)

Nuno Dias Baixo (Comendador)

Pedro Lacerda

Rita Castro Blanco Maestra assistente

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Bárbara Magalhães Figurinos

Joana Cornelsen Maquilhagem

João Hipólito Captação e edição de imagem

Leonel Picareta e **Ricardo Junceiro** Design e construção cenográfica

Marta Serôdio e **Otelo Lapa** Assistentes de encenação

Joana David e **Pedro Costa** Pianistas correpetidores

FIGURANTES

Cláudia Costa Figuração especial

Rodrigo Pereira Esteves

Vicente Gil

Leonor Reis

Margarida Lucas

Mariana Macedo

Carolina Parreira

Beatriz Forjaz

Bruna Figueiredo

A ideia original

A ideia para este projeto surgiu há precisamente um ano. Estava aqui, na Fundação, a ensaiar com a Orquestra Gulbenkian, quando li notícias sobre as comemorações do 99.º aniversário de José Saramago.

Desde jovem que a escrita de Saramago me fascina. Descobri-o com o *Memorial do Convento* e mais tarde com a encenação do *Ensaio sobre a Cegueira* pela companhia de teatro O Bando, no Teatro Nacional São João. Li e reli vários dos seus livros, admirando também as inteligentes referências musicais, desde Scarlatti em *Memorial do Convento* ao violoncelista em *Intermitências da Morte*, um homem simples que consegue apaixonar, transformar e humanizar a Morte através da música. Sabendo que iria estar novamente com a orquestra no ano seguinte, precisamente na semana dos 100 anos de nascimento, comecei a procurar obras musicais relacionadas com os livros e o seu autor. Foi durante essa pesquisa que descobri a peça de teatro *Don Giovanni ou O dissoluto* absolvido. Logo nas primeiras páginas do prefácio, Saramago revela a sua admiração por Mozart e em particular pela ópera *Don Giovanni*: “Se há uma ópera no mundo capaz de pôr-me de joelhos, rendido, submetido, é esta”. Estreada em 1787 em Praga e fruto da brilhante colaboração com o libretista Lorenzo Da Ponte, Mozart catalogou-a como um “dramma giocoso”. O seu *Don Giovanni* continua a tradição do conto original de Tirso de Molina: *Don Giovanni* é um libertino imparável e fiel ao seu mote “Viva la libertà!” até ao castigo divino do final da ópera, representado pelo

elemento sobrenatural da estátua do Comendador. Contudo, ao longo do texto são vários os momentos cômicos e sarcásticos que nos vão revelando mais sobre as personagens e as suas verdadeiras intenções. Fazer dialogar as duas versões, o *absolvido* e o *punido*, pareceu-me uma justa homenagem ao escritor que, com ironia e rebeldia, ousou reescrever várias histórias (dogmas ou simples biografias), desde o *Evangelho* até *Ricardo Reis*. É um novo olhar sobre o mito de Don Giovanni com base na narrativa de Saramago e usando os excertos musicais como elementos narrativos e dramatúrgicos, como memórias de um passado (ou presente alternativo) e, quem sabe, como projeções de alter-ego. No fundo, explorando as complexidades e até contradições das personagens (já presentes em Mozart / Da Ponte) e uma história que nunca é linear nem unidimensional. É tão desconcertante quanto fascinante pensar na justaposição das duas versões de *Don Giovanni*, onde o julgamento moral e ético, em ambas sempre presente, constrói questionamentos infinitos.

Resta-me agradecer a confiança e apoio do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian e de Risto Nieminen por terem acolhido este projeto desde o princípio. Juntamente com o encenador Jean Paul Bucchieri, este tem sido um trabalho muito estimulante e criativo, como raras vezes é permitido a intérpretes que cumprem o que previamente foi escrito. Esta liberdade para criar e refletir sobre a obra foi ainda mais feliz por contar com um elenco de fantásticos cantores portugueses que desde o primeiro minuto abraçaram os desafios do teatro e da ópera inerentes a este espetáculo.

NUNO COELHO

A Máquina Don Giovanni

Nós não pensamos nada, não há um homem propriamente “pensante”, nós “ouvimos”.

EDUARDO LOURENÇO EM DA MÚSICA (ED. GULBENKIAN)

“Será que ainda é possível dizer algo acerca do mito do Don Juan?”, pergunta José Saramago no começo da sua reescrita, afirmando logo “a impossibilidade de escrever qualquer coisa de novo, a propósito de Don Giovanni. Será que ainda haverá lugar para uma abordagem que, sem voltar completamente as costas às expectativas ‘legítimas’ do espectador que conhece a história, seja capaz de abanar o *déjà vu*? De o abanar ao menos um pouquinho?” (*apud* Seminara, 2015:74). Foi com esta dúvida que, juntamente com o maestro Nuno Coelho, começámos a planear uma geografia dramaturgica, chegando à conclusão que seria pertinente, como sugerido pelo próprio maestro, encenar a reescrita de Saramago, estabelecendo um diálogo com Mozart e Da Ponte. As figuras que assombam o Don Giovanni de Saramago constituem-se como tempo presente, feito de narrações e personagens que, ao longo da história do mundo da música e não só, se tornaram ícones e, por isso, impossíveis de ignorar. Foram, são, e sempre serão, o âmago das identidades narrativas dos vários Leporellos e companhia.

E se encenar o *Don Giovanni* de Mozart/Da Ponte acarretaria um conjunto de questões que, desde Tirso de Molina, se foram adensando e complexificando e continuam a entusiasmar pelas inalcançáveis definições deste mito, levar à cena a versão

de Saramago – originalmente escrita para ser o libreto de uma ópera –, usando-a como texto discursivo, e fazê-la dialogar com a obra “original”, remeteu-nos para um percurso tão belo e entusiasmante quanto intrincado e repleto de inquietações, generosas, tanto na sua construção dramaturgica/musical como na encenação.

Saramago reescreve o mito, corrigindo o seu momento final, ao decidir não condenar Don Giovanni ao inferno, conduzindo-o num percurso que talvez, numa primeira leitura, possa parecer contradizer a identidade libertina desta figura irrepitível, convicto que “Don Giovanni não podia ser, simplesmente, um odiado sedutor de donas e donzelas. Foi sobretudo aquele seu gesto de dignidade suprema quando rejeita, como se de uma ofensa se tratasse, as fáceis tentações do arrependimento.” (*Caseirão apud* Mateus, 2006:88).

Este talvez possa ser o ponto determinante do *Don Giovanni* de Saramago como o próprio autor afirma: “Era certo que sempre havia pensado que Don Giovanni não podia ser tão mau como o andavam a pintar desde Tirso de Molina, nem Dona Ana e Dona Elvira tão inocentes criaturas, sem falar do Comendador, puro retrato de uma honra social ofendida, nem de um Don Octávio que mal consegue disfarçar a cobardia sob as maviosas tiradas que no

texto do Da Ponte vai debitando.” (2015:11) Saramago esclarece o seu posicionamento quando afirma: “A ideia de um novo Don Giovanni interessa-me muito (...). Eu acredito que o Don Giovanni, ao contrário do que sempre se diz, não é um sedutor, mas antes um permanente seduzido. A simples presença de uma mulher, perturba-o. No entanto, esta não é a questão mais importante. O importante é a dignidade de quem é capaz de dizer não quando não só a sua vida, mas também a salvação da sua alma, se encontram em perigo. É certo que Don Giovanni é um fraco com as mulheres, mas ‘compensa-o’ bem com a sua força ética no momento em que é tentado pela facilidade hipócrita do perdão. Estamos perante um paradoxo: Don Giovanni, o sujeito imoral por excelência, é um homem fiel à sua própria responsabilidade ética. Eis o que gostaria de ver salientado no texto.” (*apud* Seminara, 2015:159).

No seu *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*, o famoso catálogo das conquistas de Don Giovanni é substituído, por uma artimanha de Dona Elvira, por um livro em branco. Esta nova conceção do catálogo ajuda-nos a pensar novamente o *mito*. A pergunta surgiu de imediato: serão as conquistas de Don Giovanni a causa do mítico catálogo das 2065 mulheres com quem supostamente ele esteve, ou, pelo contrário, é o próprio catálogo que na realidade cria o mito de Don Giovanni? É que Don Giovanni, quando percebe que o catálogo com os nomes das suas 2065 mulheres está em branco, parece ficar inconformado com a ideia. Será o catálogo, ou seja, a narrativa, o mito, o *verdadeiro construtor identitário* de Don Giovanni? Ter-se-á alguma vez Don Giovanni

apaixonado pelas suas conquistas? Don Giovanni é um libertino e, como tal, obedece a uma estrutura mecânica. Apesar de nos depararmos com um Don Giovanni eventualmente “impotente”, como insinuam Dona Ana e Dona Elvira, no epílogo da cena 4, não parece possível acorrentar a figura do libertino, imaginando-o, absolvido, apenas Giovanni, na vida plácida de um matrimónio com Zerlina. Don Giovanni é sobretudo uma máquina, um mecanismo repetitivo e incansável. É o que, de outro modo, encontro nas palavras do crítico Jean Rousset que se refere a um Don Giovanni que não deixa de produzir constantemente: “Vive uma vida autónoma, passa de obra em obra, de autor em autor, como se pertencesse a todos e a ninguém.” (1980:6).

Creio que será justamente esse o lugar que qualquer Don Juan pretendeu, um lugar inalcançável, o espaço de um mito que, acima de tudo, só quer ser contado, sem que alguém lhe peça para deixar de ser quem é, uma figura imune aos julgamentos e, talvez por isso, inesgotável. Adjetivos, como é sabido, não lhe faltaram: “Traidor, Mulherengo, *Puttaniere*, Cortejador, *Tombeur de femme*, *Playboy*, Chulo, *Bon vivant*, *Rubacuori*, Libertino, *Gigolo*, *Bellinbusto*, Predador, *Donnaiolo*, Conquistador, ...”, mas serão sempre insuficientes para Don Giovanni. Partilho a posição do antropólogo Marino Niola: “Precisamente por ser um mito, a figura desse grande transgressor não termina em nenhuma das formas teatrais, literárias, musicais que o tornaram imortal. Cada uma delas guarda uma fagulha parcial do mito, da mesma forma que cada variação musical faz ressoar o tema sem nunca esgotar a sua totalidade estrutural.” (2019:18)

Don Giovanni está em *constante*
deslocação, sempre pronto a recomeçar,
é sobretudo um *objeto musical* criado
pela música que produz e a efemeridade
da música é tão profunda como a superação
da necessidade de compreender o mundo.
Escapa-nos.

“Don Giovanni é feito da mesma matéria
com que é feito o teatro, *sono tutti soggetti*
da palcoscenico”. Como diz Michel
Foucault, é do estar em cena, só do estar
em cena que aparece esse prestígio do Don
Giovanni que três séculos não extinguiram”.
(Niola, 2019:54). Mas o que é o mito se
não uma *fábula* continuamente contada
porque necessária?

Jean Paul Bucchieri

CASA DA AZENHA, 30 DE OUTUBRO DE 2022

BIBLIOGRAFIA

CASEIRÃO, B. (2006) Entrevista concedida a Bruno Caseirão, “José Saramago, luz rasante sobre o mito”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, Edimpresa, volume 925, disponível no URL: <http://umcadernoparasaramago.blogspot.pt/2010/06/luz-rasante-sobre-o-mito-nessa.html> (2 de janeiro 2017) *apud* MATEUS, K. A. L. (2017)

“A revisitação saramaguinana do mito de Don Juan, à luz da ópera *Il dissoluto punito, ossia il Don Giovanni*”

NIOLA, M. (2019) *Diventare Don Giovanni, un viaggio attraverso l'Europa sulle tracce del grande seduttore*. Firenze. Bompiani Editore

ROUSSET, J. (1980) *Le mythe de Don Juan*, Paris; Colin

SARAMAGO, J. (2018) *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*, Lisboa, Porto Editora.

SARAMAGO, J. (2005) *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*, São Paulo, Editora Schwarcz Ltda, Companhia das Letras.

SEMINARA, G. (2015) *Lo sguardo obliquo*. Sesto Ulteriano - San Giuliano Milanese (Milano), Casa Ricordi – Lim Editrice, Le Sfere. Collana di studi musicali.

Nuno Coelho

Na temporada 2022/23, Nuno Coelho é o novo Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias e cumpre o quinto ano como Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. Estreia-se à frente da Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, da Filarmónica de Tampere e da Sinfonieorchester St. Gallen e realiza uma digressão com a Jovem Orquestra Nacional de Espanha. Na temporada passada estreou-se com a Filarmónica de Helsínquia, a Dresdner Philharmonie, a Staatsorchester Hannover, a Filarmónica do Luxemburgo, as Sinfónicas de Gävle e Malmö, a HET Residentie Orkest, a Filarmónica de Estrasburgo e a Orquestra Nacional de Lille. O seu repertório de ópera abarca produções de *Così fan tutte*, *La traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Rusalka*, *O diário de Anne Frank* e *Os sete pecados mortais*, entre outras. Nuno Coelho venceu o Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués em 2017 e, desde então, dirigiu a Royal Liverpool Philharmonic, a BBC Philharmonic, a Sinfónica de Hamburgo, a Sinfónica de Castela e Leão, a Noord Nederlands Orkest e a Orchestra Teatro Regio Torino. Em 2018/19 beneficiou da Bolsa Dudamel, o que lhe permitiu colaborar com a Filarmónica de Los Angeles. Nessa mesma temporada, dirigiu a Sinfónica da Rádio da Baviera, ao substituir o maestro Bernard Haitink à última hora. Nuno Coelho nasceu no Porto. Estudou direção de orquestra na Universidade das Artes de Zurique com Johannes Schlaefli e ganhou o Prémio Neeme Järvi no Festival Menuhin de Gstaad. Em 2014 foi bolseiro da Fundação Gulbenkian e em 2015 foi admitido no *Dirigentenforum* do Conselho Alemão da Música. Nos dois anos seguintes foi bolseiro em Tanglewood e maestro assistente da Filarmónica dos Países Baixos.

Jean Paul Buchieri

Jean Paul Buchieri nasceu em Itália e reside em Portugal desde 1993. Encenador, investigador e pedagogo, concluiu o seu Doutoramento em 2011 na FMH da Universidade de Lisboa, com uma bolsa de estudo da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Em 2007 frequentou e concluiu o Curso de Encenação de Ópera no âmbito do Programa Criatividade e Criação Artística, da Fundação Calouste Gulbenkian, onde apresentou *Raphael, Reviens!* de Bernard Cavanna. Integra o corpo docente da Escola Superior de Teatro e Cinema. É membro e investigador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação. Destaca-se a sua participação em projetos de Bob Wilson como assistente e intérprete, bem como as colaborações com Ana Luísa Guimarães, Jorge Listopad, Maria João Pires, Olga Roriz, Joaquim Benite e Lorenzo Viotti. Como encenador, apresenta regularmente os seus projetos na área das artes performativas, do teatro e da ópera, desde 1994. Mais recentemente, encenou *L'Histoire du Soldat*, de Stravinsky, na Fundação Gulbenkian e *O Dicionário da fé*, com textos originais de Gonçalo M. Tavares, no Teatro Nacional Dona Maria II. Conduz uma investigação científica sobre o trabalho do intérprete e a sua relação com as artes performativas, o teatro e a ópera, focando as problemáticas no abatimento das fronteiras que as linguagens cénicas propõem. A linha de investigação que percorre, situa-se na observação fenomenológica do trabalho do intérprete, bem como na possibilidade de comparar e sistematizar os instrumentos que a teoria e a prática oferecem ao intérprete. Encontra-se neste momento a concluir um pós-doutoramento, onde procura investigar a relação entre a encenação, a pedagogia e a reflexão científica, no âmbito das matérias que o teatro, a ópera e as artes performativas produzem.

Bárbara Magalhães

Bárbara Magalhães licenciou-se em Desenho de Moda pela Universidade de Southampton e realizou formação técnica nas áreas de Desenho de Figurinos para Teatro e de Direção de Arte para Cinema, em Londres. Em 2012 iniciou o Mestrado em Desenho de Cena e Figurinos na Escola Superior de Teatro e Cinema. Durante esse período, integrou a equipa permanente do *atelier* Maria Gonzaga Guarda-Roupa, dando assistência a projetos de conceção e confeção de figurinos para teatro, televisão, ópera e cinema. Desde 2014, como trabalhadora independente, desenvolveu projetos na área da moda, do cinema e da música. Colabora regularmente com a Fundação Calouste Gulbenkian, nos domínios da ópera e da dança.

André Baleiro

André Baleiro estudou no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa. Posteriormente viajou para Berlim para se aperfeiçoar em canto na Universidade das Artes, com Siegfried Lorenz, Axel Bauni e Eric Schneider. Foi bolseiro da Fundação Walter & Charlotte Hamel (Hanôver) e da Fundação Gulbenkian. Em 2016 venceu o Concurso Internacional Robert Schumann, em Zwickau, na Alemanha, bem como o Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa. Colabora regularmente com a Ópera de Câmara de Munique, onde se estreou em 2016 no papel de Figaro (*O barbeiro de Sevilha*). Destacam-se também as seguintes interpretações: Don Parmenione (*L'occasione fa il ladro* de Rossini) no Teatro Pérez Galdós, em Las Palmas; Belfiore (*Fra i due litiganti il terzo gode* de G. Sarti); o papel principal em *Ainda não vi-te as mãos*, de Ayres

d'Abreu, no Teatro Municipal de Santarém; Cabo da Guarda (*Il cappello di paglia di Firenze* de Nino Rota) e Pantalone (*Turandot*) no Teatro Nacional de São Carlos. Em concerto, interpretou a *Paixão segundo São Mateus*, de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian, *Um Requiem Alemão* de Brahms, na Salle Métropole de Lausanne, e o *Requiem* de Fauré, no festival *La Folle Journée*, em Nantes e Tóquio. Apresenta-se também com regularidade em recital, na Alemanha e em Portugal. Em 2015, no Piano Salon Christophori, em Berlim, interpretou o *Italianisches Liederbuch* de Hugo Wolf, acompanhado por Eric Schneider.

Nuno Dias

Nuno Dias é licenciado em canto pela Universidade de Aveiro, na classe da professora Isabel Alcobia. Foi Docente Assistente nesta Universidade no ano letivo 2013/14. Desenvolveu os seus estudos com Alan Watt, Tom Krause e Michael Rhodes. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para o projeto *enoa* (European Network of Opera Academies). Fez parte da Academia de Ópera do Festival de Verbier, onde trabalhou com Barbara Bonney, Claudio Desderi, Tomas Quastoff e Tim Caroll, tendo-se destacado com o Prémio Jovem Promessa Thierry Marmod. Como solista, tem-se apresentado em concerto com diversas orquestras nacionais e internacionais, cantando obras de referência do repertório coral-sinfónico. No domínio da ópera interpretou, no Teatro Nacional de São Carlos, ao longo das últimas temporadas, diversos personagens do repertório lírico, abrangendo obras de compositores consagrados como Puccini, Donizetti, Rossini ou Bizet, entre outros. Do seu repertório, que interpretou em palcos nacionais e internacionais, fazem também parte compositores como Verdi, Mozart, Busoni, Stravinsky ou Britten. Da

discografia de Nuno Dias destaca-se o disco *Canções Pagãs*, inteiramente dedicado ao cancioneiro de Luiz Goes, trabalho esse que foi reconhecido como de Utilidade Cultural pelo Ministério da Cultura. Foi cantor residente no Stadttheater Bern, na Suíça, durante a temporada 2014/15.

Sónia Grané

Sónia Grané atuou pela primeira vez no Teatro alla Scala de Milão na estreia mundial (2017) da ópera *Ti vedo, ti sento, mi perdo*, de S. Sciarrino, sob a direção de Maxime Pascal. Apresentou-se duas vezes no Festival de Verão de Bregenz – em 2015 como Despina (*Così fan tutte*) e em 2017 como Frasquita (*Carmen*). No final de 2017 concretizou mais uma estreia, desta vez como Rainha da Noite (*A flauta mágica*) na Staatsoper Unter den Linden, em Berlim. Entre 2015 e 2017 fez parte do Ensemble de Solistas da Staatsoper Berlin, tendo interpretado vários papéis, incluindo: Papagena (*A flauta mágica*), Masha (*Moscovo, Cheryomushki* de Chostakovitch), Ännchen (*Der Freischütz*), Barbarina (*As bodas de Figaro*), Flora (*The Turn of The Screw*) e Blonde (*O rapto do serralho*). Para além da ópera, apresenta-se também em recital e como solista de concerto, tendo interpretado grandes obras como o *Requiem* de Brahms, a *Oratória de Natal*, a *Paixão segundo São João* e diversas Cantatas de J. S. Bach. O seu repertório estende-se do Barroco até à música contemporânea. Tem trabalhado regularmente com o compositor David Robert Coleman, nomeadamente na estreia da ópera *Hans um Glück* e num ciclo para canto e orquestra. Apresentou-se também em salas como Wigmore Hall, King's Place, St. John's Smith Square e Purcell Room. Sónia Grané iniciou a sua formação musical na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa. Simultaneamente, licenciou-se em Biologia

na Universidade de Lisboa. Em 2009 mudou-se para Londres para estudar com Lillian Watson e Jonathan Papp na Royal Academy of Music. Foi bolsreira da Fundação Calouste Gulbenkian (2009-2013) e da Liz Mohn Musikstiftung durante o seu tempo no estúdio de ópera da Staatsoper Berlin.

Marco Alves dos Santos

Marco Alves dos Santos nasceu em Lisboa. Com bolseiro da Fundação Gulbenkian, licenciou-se em canto pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Interpretou vários papéis operáticos, incluindo Tamino (*A flauta mágica*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duque de Mântua (*Rigoletto*), a Bruxa (*Hänsel und Gretel*), Prunier (*La rondine*), Conde Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The Rape of Lucretia*), Don Ottavio (*Don Giovanni*), Nemorino (*L'elisir d'amore*) e Ferrando (*Così fan tutte*). Em concerto destacou-se como o Narrador, em *L'enfance do Christ* de Berlioz, o Evangelista, nas *Oratórias de Natal, de Páscoa e da Ascensão* e na *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, e como tenor solista na 9.ª Sinfonia de Beethoven, no *Messias* de Händel, na *Petite messe solennelle* de Rossini, no *Requiem* e na *Missa da Coroação* de Mozart, na *Serenade for Tenor, Horn and Strings* de Britten, no *Te Deum* de Bruckner e em *Carmina Burana* de Carl Orff. Os compromissos de Marco Alves dos Santos para a temporada 2022/23 incluem os papéis de Conde Alberto (*L'occasione fa il ladro* de Rossini), para o Festival de Sintra, Don Ottavio (*Don Giovanni*), as árias de tenor da *Paixão segundo São Mateus* de Bach, para a Fundação Gulbenkian, e Arturo (*Lucia de Lammermoor* de Donizetti) para o Teatro Nacional de São Carlos, entre outros.

Susana Gaspar

Susana Gaspar estudou no Conservatório Nacional de Lisboa, na Guildhall School of Music and Drama e no National Opera Studio em Londres. Em 2013 representou Portugal no *Cardiff Singer of the World*. Dos papéis operáticos destacam-se: Violetta, em *La traviata*; Mimì, em *La bohème*; Cio-Cio-San, em *Madama Butterfly*; Manon, na obra homónima de Massenet; Marguerite, em *Faust* de Gounod; Azema, em *Semiramide* de Rossini, gravada para a Opera Rara; Paride, em *Paride ed Elena* de Gluck; Clarice, em *Il mondo della luna* de P. A. Avondano; Sevadilha, em *Guerras de Alecrim e Manjerona*, com música de António Teixeira e os Músicos do Tejo; Josephine, em *Comédia na Ponte* de Martinů; Lauretta, em *Gianni Schicchi*; e Vi, em *Blue Monday* de Gershwin, no Teatro Nacional de São Carlos. Como jovem artista na Royal Opera House - Covent Garden, interpretou: Barbarina, em *As bodas de Figaro*; Condessa de Ceprano, em *Rigoletto*; Giannetta, em *L'elisir d'amore*; Innocent, em *The Minotaur* de Birtwistle; Papagena, em *A flauta mágica*; e Voz do Céu, em *Don Carlo* de Verdi. No Linbury Theatre, da Royal Opera House, cantou numa produção encenada de *Les nuits d'été* de Berlioz, e em *Le portrait de Manon* (Aurore) de Massenet, ambas as produções gravadas para a editora Opera Rara. Os mais recentes e os próximos projetos incluem: Vittelia, em *La clemenza di Tito*, no Teatro Nacional de São Carlos; Violetta Valéry, em *La traviata*, para a Nevill Holt Opera (Reino Unido); *Um Requiem Alemão* de Brahms, no Centro Cultural de Belém; Clara, em *Il proscritto* de Mercadante, no Barbican Centre de Londres; e Mélisande, em *Pelléas et Mélisande* de Debussy.

José Fardilha

José Fardilha estudou em Portugal com Maria Cristina e Castro. Estreou-se em 1984 no Teatro Nacional de São Carlos no papel de Masetto. Em 1989, depois de vencer o Concurso Toti dal Monte, no papel de Leporello, começa uma carreira internacional que o leva aos mais importantes teatros da Europa. Trabalha, entre outros, com maestros como Peter Maag, Claudio Abbado, Riccardo Muti, Seiji Osawa, Iván Fischer, Tugan Sokhiev ou Zubin Mehta (com o qual gravou *Turandot* na cidade proibida, em Pequim). Trabalhou com grandes encenadores, tais como, João Lourenço, Luis Miguel Cintra, Gianfranco de Bosio, Patrice Chéreau, Klaus Gruber, Giorgio Srehler ou Jonathan Miller. Participou em prestigiados festivais de música como os de Glyndebourne, Salzburgo e Macerata, Trienal do Ruhr e “Mostly Mozart” de Nova Iorque.

Manuel Rebelo

Manuel Rebelo iniciou os estudos de música aos seis anos de idade e estreou-se aos sete, no palco da Fundação Gulbenkian, integrando o coro infantil da *Paixão segundo São Mateus*, de J. S. Bach, sob a direção de Michel Corboz. Concluiu o Curso de Canto do Conservatório Nacional com a classificação máxima e diplomou-se em Formação Musical na Escola Superior de Música de Lisboa. Frequentou o mestrado em Direção Coral no Instituto Piaget, sob a orientação de Paulo Lourenço. Estreou-se em ópera em 2006 – em *Salomé* de R. Strauss – na Fundação Gulbenkian, sob a direção de Lawrence Foster. Desde então tem desenvolvido uma intensa atividade neste domínio em vários países, tendo-se também apresentado em oratória, nomeadamente com Michel Corboz. Tem colaborado regularmente com o Teatro Nacional de São Carlos em pequenos papéis

de várias produções. Dirige, em Lisboa, uma academia de cantores de nome Vocal Emotion, que integra mais de 100 alunos. Na área da direção, tem-se destacado pelos trabalhos relacionados com a música portuguesa e foi recentemente convidado a dirigir a orquestra Qatar Philharmonic com um programa dedicado ao fado.

Leonor Amaral

Leonor Amaral é natural de Lisboa. Versátil soprano de coloratura, interpretou vários papéis de ópera, incluindo Gretchen (*Der Wildschütz* de Lortzing), Mi (*Das Land des Lächelns* de Lehár), Masetta (*La bohème*), Marie (*Zar und Zimmermann* de Lortzing) e Adele (*O Morcego*). No Festival de Ópera Gut-Immling, estreou-se no papel de Armida, em *Rinaldo* de Händel, e de Frasquita, em *Carmen*. Foi Clorinda, em *La Cenerentola*, no festival do Castelo Hallwyl, na Suíça. Desde 2018, integra o elenco do Teatro de Erfurt, onde interpretou Zerlina (*Fra Diavolo* de Auber), Norina (*Don Pasquale*) e Rainha da Noite (*A flauta mágica*). Foi semifinalista no concurso de canto *Neue Stimmen*, da Fundação Bertelsmann, e finalista no Concurso Cesti de ópera barroca. Leonor Amaral apresentou-se em salas como a Kölner Philharmonie e a Historische Stadthalle Wuppertal e estreou-se no Concertgebouw de Amesterdão com a Nordwestdeutsche Philharmonie. Em 2019 gravou um *crossover* com a WDR Funkhausorchester e realizou uma digressão nos Países Baixos com a Noord Nederlands Orkest. Ainda com a orquestra WDR, gravou um concerto dedicado a Portugal, que incluía um vasto repertório de fado. No domínio da música contemporânea, teve a honra de cantar a peça *Hommage a T. S. Eliot* para a compositora Sofia Gubaidulina. Outras obras incluíram a ópera *Der Aschemond oder The Fairy Queen*, de H. Oehring, bem como a vídeo-ópera de Steve Reich, *Three Tales*. Na música barroca,

colaborou com o Pera Ensemble num concerto no Gasteig (Munique) e cantou *Fairy Queen* de Purcell, com o Concerto Stella Matutina, no Montforthaus Feldkirch, na Áustria.

Pedro Lacerda

Pedro Lacerda nasceu em Lisboa em 1971 e teve uma educação cristã, católica e protestante. Frequentou o curso de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores no Instituto Superior Técnico, onde fez parte do grupo de teatro que ajudou a refundar. Em 1996 entrou para o Conservatório, Escola de Teatro e Cinema, no curso de formação de atores. Estreou-se profissionalmente no Teatro da Cornucópia em 1997, com o espetáculo *Os Sete Infantes*, com encenação de Luis Miguel Cintra. Desde essa altura, tem trabalhado regularmente com várias companhias e projetos teatrais em Portugal. Dirigiu também espetáculos seus, referindo aqui o último, *Paixão segundo João*, de Antonio Tarantino que ganhou o prémio de melhor espetáculo do ano pela Sociedade Portuguesa de Autores em 2021. Teve a felicidade de, desde cedo, trabalhar em cinema, onde colaborou como ator em filmes de João Botelho, José Fonseca e Costa, Catarina Ruivo, Edgar Feldman e Júlio Alves, entre outros. Ganhou o prémio de melhor ator da Sociedade Portuguesa de Autores e do Festival Caminhos do Cinema Português em 2021.

Rita Castro Blanco

Rita Castro Blanco é uma das eminentes jovens maestras portuguesas, tendo-se estreado recentemente com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra das Beiras, a Orquestra do Norte e a MPMP. De setembro de 2019 a janeiro de 2022, assumiu as funções de Maestra Titular

da Huddersfield Philharmonic Orchestra. Para além das recentes estreias, colaborou profissionalmente como assistente dos maestros Nuno Coelho (Orquestra Gulbenkian, Joven Orquesta Nacional de España), Joana Carneiro (Orquestra Sinfónica Portuguesa) e Clark Rundell (Orquestra Gulbenkian). Durante os seus estudos no Royal Northern College of Music, foi maestra assistente nas orquestras BBC Philharmonic, Royal Liverpool Philharmonic, Manchester Camerata e Hallé Orchestra, tendo colaborado com maestros como Sir Mark Elder, Vasily Petrenko, Elim Chan, John Storgards, Joana Carneiro, Ed Gardner e Simone Young, entre outros. Desde o início dos seus estudos, participou em *masterclasses* com a Orquestra da Royal Opera House, a London Sinfonietta, a Stavanger Symphony e o Balthasar Neumann Ensemble. No passado verão foi *Conducting Fellow* no conceituado Festival de Tanglewood, tendo sido também escolhida para integrar o *Mentorship for Women Conductors* do Festival d'Aix-en-Provence e a *Conducting Fellowship* do Festival de Lucerna (2021). Os seus mais recentes compromissos incluem concertos com a orquestra MPMP, a Metropolitana de Lisboa e uma colaboração com a Lucerne Festival Contemporary Orchestra, onde terá a oportunidade de trabalhar com os compositores galardoados com as *Roche Young Comissions* de 2023.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

Coro Gulbenkian

TENORES

Diogo Pombo
Francisco Cortes
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Pedro Afonso
João Custódio
Jorge Leiria
Pedro Rodrigues

BAIXOS

Diogo Ferreira
Filipe Leal
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
José Bruto da Costa
Mário Almeida
Nuno Gonçalo Fonseca
Tiago Batista

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos

CONCERTINO PRINCIPAL

Bin Chao

2º CONCERTINO AUXILIAR

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnou

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

David Ascensão

Flávia Marques

Matilde Araújo

Catarina Ferreira

Margarida Queirós

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA

Cecília Branco 1º SOLISTA

Jorge Teixeira 2º SOLISTA

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

Camille Bughin

Juan Maggiorani

Francisca Fins

Miguel Simões

Félix Duarte

Asilkan Pargana

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

Leonor Braga Santos 2º SOLISTA

Maia Kouznetsova

Artur Mouradian

Albert Payà

João Dinis

Precília Diamantino

Mariana Moreira

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Raquel Reis

Jaime Polo

Hugo Paiva

Gonçalo Lelis

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 1º SOLISTA

Marine Triolet 2º SOLISTA

João Lobo

Vanessa Lima*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amália Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

Carla Pereira 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Rui Martins 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Cândida Nunes 1º SOLISTA*

TROMPAS

Kenneth Best 1º SOLISTA

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antónia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

José Sousa 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

PIANOFORTE

Pedro Costa 1º SOLISTA

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Fábio Cachão

Pedro Canhoto

Inês Nunes

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

400 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Novembro 2022

